

1

REFAZENDO A AMAZÔNIA, 1500-1964

Os antropólogos que produziram obras nos anos 50 fizeram-no a partir da extrapolação dos registros da etnografia moderna, para descrever a Amazônia pré-colonial em termos de pequenos bandos de índios que viviam em assentamentos temporários e subsistiam através da caça, pesca e agricultura de rotações¹. Contrastando com essa imagem familiar, reconstruções atuais do período da pré-conquista confirmam as crônicas de Carvajal e de outros exploradores que registraram a existência de assentamentos permanentes, abrangendo de alguns milhares a dezenas de milhares de indivíduos, ou possivelmente mais². Descobertas recentes indicam uma gama de comunidades culturalmente diversas, de variados tamanhos, que viveram em toda a bacia, conectadas por redes de comércio e guerras. Os grupos tribais sedentários então encontrados na

1. J. Steward, *Handbook of South American Indians*; J. Steward e L. Faron, *Native Peoples of South America*. Com base nessas observações, Meggers desenvolveu suas influentes teorias relativas aos limitantes ambientais sobre o desenvolvimento da cultura (B. J. Meggers, "Environmental Limitations on the Development of Culture" e *Amazônia: Man and Nature in a Counterfeit Paradise*). Para uma crítica e teoria oposta, ver D. W. Lathrap, *The Upper Amazon*.
2. Ver W. Balée, "People of the Fallow: An Historical Ecology of Foraging in Lowland South America"; M. B. Bush, D. R. Piperno e P. A. Colinvaux, "A 6,000 Year History of Amazonian Maize Cultivation"; W. Denevan, "The Aboriginal Population of Amazonia"; A. Gibbon, "New View of Early Amazonia"; E. F. Moran, *Developing the Amazon*, pp. 32-34, e "Models of Native and Folk Adaptation in the Amazon", pp. 41-57; A. E. de Oliveira, "Amazônia: Modificações Sociais e Culturais Decorrentes do Processo de Ocupação Humana (Séc. XVIII ao XX)"; A. C. Roosevelt, "Chiefdoms in the Amazon and Orinoco"; e E. Ross, "The Evolution of the Amazon Peasantry". Há crescentes evidências de que as atuais formas de adaptação indígena são o resultado de mudanças devidas ao impacto negativo na densidade populacional e total ruptura social efetivados pela conquista europeia.

Amazônia – aparentemente caracterizados por hierarquias estratificadas de nobres, comuns, servos e escravos – pouco se assemelhavam aos pequenos grupos que predominam hoje na região.

Os cinco séculos que se passaram desde que os europeus chegaram pela primeira vez ao Novo Mundo testemunharam o completo refazer da Amazônia. Relatos dessa transformação enfatizam, com razão, a devastação que a experiência colonial impôs aos relutantes povos ameríndios e as extensas consequências que foram mais tarde causadas pelo auge da borracha. Porém, a ênfase dada pelos analistas aos pontos que marcam as discontinuidades entre os períodos ou ciclos induziu a uma menor atenção aos anos intermediários, durante os quais houve uma gradual evolução de características duradouras da sociedade amazônica, que persistem até hoje³. Da mesma forma, os modernos registros das sutis mudanças que ocorreram entre a primeira e a Segunda Guerra Mundial e durante os anos 50 são meramente episódicos e escondem processos graduais, porém fundamentais para o entendimento das mudanças. As modificações na estrutura econômica e política que ocorreram naqueles anos ignorados, apesar de frequentemente inconspícuas e despercebidas, adicionaram importantes dimensões aos pequenos povoados e cidades que pontuam as margens dos rios ao longo da região. Os capítulos posteriores mostrarão como o legado colonial e as modificações mais recentes na estrutura social afetaram o curso da mudança na fronteira na Amazônia, depois de 1970.

A DESTRUIÇÃO DA SOCIEDADE AMERÍNDIA, 1500-1750

Os portugueses avistaram a costa leste do continente sul-americano pela primeira vez em 22 de abril de 1500, porém, mais de um século se passou antes que eles estabelecessem assentamentos permanentes

na Amazônia. No início do século XVII, os portugueses infiltraram-se gradualmente rumo ao oeste, ao longo do rio Amazonas e seus principais tributários, em busca de cravo, salsaparrilha, cacau, canela, raízes aromáticas e óleos de palmáceas. Outros itens bastante procurados incluíam madeiras nobres, frutas e caças, principalmente o peixe-boi, tartarugas gigantes de rio e onças pintadas. As expedições dependiam de ameríndios como canoeiros, coletores e guias. Incurções mata adentro que, frequentemente, se constituíam em expedições para a captura de índios a serem escravizados, introduziram doenças europeias e a morte em interiores bem distantes⁴.

Missionários da recém-criada Companhia de Jesus, que chegaram ao Brasil em 1549 com o primeiro governador português, Tomé de Souza, acabaram se tornando, por um lado, grandes defensores dos ameríndios, mas, por outro, instrumentos da completa transformação da vida material e cultural dos indígenas. Em 1645, os jesuítas, sob a liderança de Antônio Vieira, começaram a estabelecer missões ao longo dos principais tributários do Amazonas. Grupos ameríndios foram realocados em grandes assentamentos, as chamadas aldeias, onde suas atividades cotidianas pudessem ser supervisionadas de perto, seus espíritos pudessem ser salvos e sua mão de obra encaminhada para novas tarefas, tais como a pecuária. Nas aldeias, os indígenas foram privados de sua identidade tribal sob a influência homogeneizadora dos missionários. Compeidos a se comunicar com os brancos e outros nativos na *língua geral*, ameríndios de diversas tribos foram sendo, através do tempo, tratados genericamente como "tapuios"⁵.

Pelo menos por um tempo, as missões proporcionaram certa proteção aos índios contra os captores de escravos que promoviam expe-

4. Este relato do período colonial baseia-se originalmente em J. Hemming, *Red Gold: The Conquest of the Brazilian Indians, 1500-1760*; C. de A. Moreira Neto, *Índios da Amazônia: De Maioridade a Minoridade (1750-1850)*; A. E. de Oliveira, "Ocupação Humana e "Amazônia: Modificações Sociais e Culturais Decorrentes do Processo de Ocupação Humana (Séc. XVII ao XX)"; e E. P. Parker, "The Amazon Caboclo: An Introduction and Overview".
5. Ver C. de A. Moreira Neto, *op. cit.*, pp. 23-35. O termo *tapuio* originalmente significava escravo; posteriormente, como caboclo, o termo veio a se referir a índios destruídos. Esses conceitos sobre os indígenas foram inicialmente discutidos por D. Ribeiro, *Os Índios e a Civilização*.

3. Esta observação foi elaborada por J. P. de Oliveira Filho, "O Caboclo e o Brabo: Notas sobre duas Modalidades de Força de Trabalho na Expansão da Fronteira Amazônica no Século XIX".

dições anuais ao interior. Contudo, o sistema de aldeamento e a dupla violação das bases materiais e subjetivas da cultura ameríndia mudaram para sempre o modo de vida que existia antes da chegada dos portugueses à Amazônia. Embora nominalmente livres, as missões ameríndias eram obrigadas a prover mão de obra às autoridades reais e aos colonizadores, uma prática que frequentemente se desvirtuava em trabalhos forçados, dificilmente diferenciados de pura escravidão. Além disso, ao concentrarem pessoas em assentamentos de alta densidade, as aldeias facilitavam grandemente a difusão das doenças europeias, tais como a tosse brava, gripe espanhola e catapora, contra as quais as populações nativas não tinham imunidade. Ao final do século XVII, sucessivas epidemias tinham dizimado dezenas de milhares de ameríndios. As densas populações que outrora tinham surpreendido os primeiros exploradores haviam sido destruídas ou tinham se retirado para locais menos acessíveis da Amazônia⁶.

REFORMA E REBELIÃO, 1750-1850

A catástrofe que se abateu sobre os grupos nativos reduziu a já pequena oferta de mão de obra na colônia, levando a conflitos entre os colonos e os missionários, numa intensa competição por trabalhadores. Em 1751, a capital da colônia do Norte, então chamada Grão-Pará e Maranhão, foi transferida para Belém sob o comando do novo governador, Francisco Xavier de Mendonça Furtado. O meio-irmão do governador, o poderoso Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal, contou com a ajuda de Furtado para expulsar os também poderosos jesuítas que já tinham uma considerável presença na região, controlando cerca de doze mil ameríndios em sessenta e três missões amazônicas⁷.

Uma série de leis aprovadas em 1755 tomou as aldeias das mãos dos jesuítas, que acabaram por ser expulsos do Brasil em 1759.

O Diretório Pombalino, como veio a ser conhecido, foi a primeira tentativa imposta pelo Estado para "modernizar" a Amazônia⁸. Sob os novos regulamentos, grandes assentamentos já consolidados passaram a ser controlados por diretores laicos nomeados que se tornaram responsáveis pela alocação da mão de obra ameríndia para os colonos e autoridades coloniais. Esse sistema possibilitou a emergência de novos tiranos, cuja incessante demanda por mão de obra ameríndia deturpou as políticas oficialmente humanitárias da Coroa⁹. Elites, com os maiores latifúndios e mais capital, foram capazes de monopolizar a maioria da mão de obra indígena disponível. Alguns colonizadores, sem recursos ou influência para assegurar acesso à mão de obra, tornaram-se *comissários volantes*, ou comerciantes do rio, mais tarde conhecidos como "regatões"¹⁰.

Expedições organizadas por autoridades coloniais, proprietários de terra e comerciantes substituíram as missões de "resgate", para levar os ameríndios para os povoados "mestiços"¹¹. Durante os quarenta anos de domínio do Diretório, as doenças do Velho Mundo mataram talvez um terço dos ameríndios remanescentes, o que fez cair a população das aldeias, de 30 mil pessoas, em 1757, para cerca de 19 mil em 1798¹². Antes de Pombal, a população amazônica era principalmente indígena, exceto nos centros urbanos de Belém, Cametá, Viseu, Santarém e Gurupá. Em meados do século XVIII, com exceção de grupos nativos que escaparam para remotas áreas de refúgio, a população da região consistia numa maioria de tapuios destribalizados e subjugados¹³.

8. S. B. Hecht e A. Cockburn, *The Fate of the Forest: Developers, Destroyers and Defenders of the Amazon*, pp. 58-59.

9. J. Hemming, *Amazon Frontier: The Defeat of the Brazilian Indians*, p. 40; e E. P. Parker, "The Amazon Caboclo: An Introduction and Overview", pp. 27-28.

10. S. B. Hecht e A. Cockburn, *op. cit.*, p. 59.

11. A. E. de Oliveira, "Ocupação Humana", p. 214.

12. J. Hemming, *Amazon Frontier: The Defeat of the Brazilian Indians*, p. 57.

13. C. de A. Moreira Neto, *op. cit.*, p. 43. Seguindo a mesma linha de Veríssimo, Moreira Neto refere-se ao *tapuia* como um descendente biológico dos povos indígenas, não um grupo mestiço.

6. Ver J. Hemming, *Red Gold: The Conquest of the Brazilian Indians, 1500-1760*; e A. E. de Oliveira, "Ocupação Humana".

7. J. Hemming, *Red Gold: The Conquest of the Brazilian Indians, 1500-1760*, pp. 455-476.

Pombal foi deposto do poder em 1777. O fracasso de seu Diretório, concernente à meta de transformar os índios destribalizados das missões em força de trabalho dócil, capaz de sustentar a economia regional, ficou evidente em uma sucessão de revoltas¹⁴. Tentativas de manter o poder resultaram em leis cada vez mais duras, especialmente depois que a Coroa portuguesa foi transferida para o Brasil, em 1808. Os povoados remanescentes das missões foram destruídos, seus recursos confiscados e os habitantes obrigados a trabalhos forçados. Melhores meios de comunicação e transporte e uma crescente população branca levaram a uma nova onda de ação militar contra as tribos remanescentes.

Depois que o Diretório foi abolido em 1798, a população outrora congregada em assentamentos espalhou-se ao longo dos rios, igarapés e lagos da bacia Amazônica, onde passou a viver primariamente em pequenos grupos familiares. Essa dispersão e isolamento contrastavam com os densos padrões de assentamento dos moradores das várzeas dos tempos pré-coloniais. As estratégias de sobrevivência que os tapuios desenvolveram a partir de então derivavam fortemente dos grupos indígenas dos quais descendiam. Porém, divergindo de seus predecessores, os tapuios distinguiram-se por um duradouro, ainda que ténue, vínculo com o mercado. Enquanto as populações ameríndias pré-coloniais trabalhavam apenas para a subsistência e trocas ocasionais com tribos vizinhas, os jesuítas ensinaram os tapuios a produzir mercadorias que eram intermediadas pelos padres em trocas comerciais¹⁵.

Quando os jesuítas foram substituídos pelo sistema de Diretório, a mudança colocou os ameríndios em contato direto com os regatões, que forneciam mercadorias até mesmo aos mais remotos assentamentos que pontuavam as beiras de rio¹⁶. Esses comerciantes do rio proviam a conexão vital entre os dispersos coletores de produtos florestais e os exportadores que entregariam esses bens a distantes mercados no mundo. Ou-

tros comerciantes situaram postos em locais estratégicos, nas junções dos rios ou em pequenos povoados, onde se tornaram parte de um extenso sistema de crédito e intermediação. Muito do açúcar produzido na colônia era desviado para a produção de cachaça, que serviu (junto com as sementes de cacau e fardos de algodão) como moeda ao longo dos rios, onde dinheiro era escasso¹⁷. A dispersa população de produtores tapuios e a complexa rede de pequenos comerciantes de quem eles dependiam formaram padrões de organização sociocultural e econômica. Esse padrão organizativo viria a ser mobilizado posteriormente com a emergência do auge da borracha.

No início da colonização, a Amazônia estava vinculada diretamente ao rei, em Lisboa, e não ao governador do Brasil. Somente em 1823, um ano depois de o Brasil ser proclamado independente, foi que a colônia do norte, o Grão Pará, declarou sua adesão à nova nação, e a Amazônia foi pela primeira vez formalmente integrada ao Brasil. O "abrasileiramento" do governo levou a fortes tensões políticas que eclodiram em rebeliões nas várias regiões da nova nação, inclusive na Amazônia. O mais extensivo levante foi a *Cabanagem*, no Pará, revolta que começou como uma disputa entre elites rivais subsequente à independência do Brasil¹⁸. Em 1835 e 1836, a revolta estendeu-se dos centros urbanos para o interior, onde rebeldes (conhecidos como *cabanos*) insurgiram-se violentamente contra seus senhores e patrões. Estima-se que trinta mil pessoas morreram nessa revolta. O número de mortos representou cerca de um quarto da população do Pará.

A força de trabalho da região foi devastada pela violência e pelas epidemias que logo se seguiram. Tapuios, negros escravizados e outros trabalhadores fugiram, ou porque eram cabanos ou para escapar aos trabalhos forçados¹⁹. A legislação agrária aprovada logo antes da independência em 1822 tinha abolido o sistema de doações de terras e, pela primeira vez, reconhecido os direitos adquiridos pela ocupação de fato,

14. *Idem*, pp. 26-33.

15. E. Ross, *op. cit.*

16. E. P. Parker "Cabocization: The Transformation of the Amerindian in Amazonia, 1615-1800", pp. 33-34.

17. *Idem*, p. 31.

18. R. Anderson, "The Caboco as Revolutionary: The Cabanagem Revolt, 1835-1836".

19. R. Santos, *História Econômica da Amazônia*, pp. 34-35.

ou posse²⁰. Pequenos produtores puderam consolidar suas demandas por terra de forma independente através do sistema de posse, que permaneceu como forma dominante de apropriação de terras até a aprovação de uma nova legislação em 1850. A perda de controle sobre a força de trabalho e a destruição de campos agrícolas e engenhos de açúcar corroeram o domínio dos donos de fazendas e gado. A Cabanagem deixou um vácuo no poder econômico e político na Amazônia, que logo foi ocupado por uma nova elite: os comerciantes, mercadores e exportadores que surgiram com o auge da borracha²¹.

O AUGUE DA BORRACHA, 1850-1920

Os ameríndios tinham, desde longa data, descoberto o uso do látex extraído de várias espécies madeiras dispersas em toda a bacia amazônica. No século XIX, a inovação tecnológica estimulou a demanda industrial por borracha. Em 1839, a Goodyear descobriu como processar o látex natural de maneira que mantivesse sua consistência, a despeito de mudanças na temperatura. Conhecido como vulcanização (assim como o deus Vulcano, contou-se com o calor e o enxofre), o processo transformou a borracha de uma mera novidade em uma valiosa mercadoria no mercado mundial. O comércio de borracha expandiu-se ainda mais com a introdução dos barcos a vapor em 1853, uma inovação que reduziu o tempo que se levava para transportar borracha da floresta para o porto, e com a invenção da roda pneumática por John Dunlop em 1888. Câmeras infláveis encontraram seu primeiro uso em bicicletas, cuja fenomenal popularidade na Europa e nos Estados Unidos no final do século XIX ficou conhecida como a "loucura da bicicleta". Mais tarde, a demanda por látex natural partiu dos fabricantes de carro, que utilizaram o material para rodas e acessórios.

O sistema de transporte de regatão para o fornecimento de mercadorias e recolhimento de produtos, já bem estabelecido pelo comércio de outros produtos florestais, permitiu a intensa extração de látex a partir de meados do século XIX. De 1825 a 1850, a produção foi principalmente concentrada em Belém e nos distritos adjacentes. Em contraste com os arranjos desenvolvidos posteriormente, nesse período inicial os seringueiros extraíam o látex em terras devolutas, enquanto suas esposas e filhos produziam culturas de subsistência nas várzeas. Quando a demanda por borracha aumentou, no período entre 1850 e 1870, a rede preexistente de comerciantes, itinerantes e comerciantes de rio transformou-se em uma hierarquia de intermediários dominada pelas casas de exportação de borracha, em Belém e Manaus²². Fornecedores expandiram suas redes de seringueiros e comerciantes rumo a oeste, para os rios Madeira e Purus²³. Os recrutados geralmente migravam sem suas famílias e eram proibidos por seus patrões de exercer qualquer atividade de subsistência que os distraísse da extração da borracha. Esse arranjo os fez muito mais dependentes dos donos dos postos de comércio, os *barracões*, se comparados com os seringueiros autônomos ao redor de Belém²⁴.

Como o suprimento de ferramentas, armas e comida dos seringueiros era mínimo para cada indivíduo, e uma vez que a maioria das relações comerciais eram elaborações do sistema preexistente de crédito e transporte

22. Comerciantes independentes representaram uma inconveniência para as casas de exportação em Belém e Manaus, quando suas próprias operações se expandiram. Um sentimento antirregatão que, às vezes, adquiria nuances antissemitas e xenofóbicas devido à proeminência de judeus e árabes entre os regatões, levou à imposição de impostos esmagadores sobre os comerciantes do rio, a partir de 1842 (L. F. Pinto, *Amazônia (O Antecedente da Destruição)*, p. 262; I. Hemming, *Amazon Frontier: The Defeat of the Brazilian Indians*, p. 253). A despeito de seu indispensável papel para alcançar assentamentos remotos, a imagem do regatão como um elemento proscrito da sociedade amazônica perdura até o presente.

23. J. P. de Oliveira Filho, "O Caboco e o Brabo: Notas sobre duas Modalidades de Força de Trabalho na Expansão da Fronteira Amazônica no Século XIX"; R. Santos, *História Econômica da Amazônia*, p. 72.

24. J. P. de Oliveira Filho, "O Caboco e o Brabo: Notas sobre duas Modalidades de Força de Trabalho na Expansão da Fronteira Amazônica no Século XIX"; B. Weinstein, *The Amazon Rubber Boom, 1850-1920* e "Persistence of Caboco Culture in the Amazon: The Impact of the Rubber Trade, 1850-1920". Migrantes do Ceará que se assentaram em áreas remotas do oeste amazônico, como no rio Juruá, tinham problemas de saúde devido a dietas limitadas a farinha de mandioca, carne seca e peixe (E. A. Whitesell, *Rubber Extraction on the Juruá in Amazonas, Brazil: Obstacle to Progress or Development Paradigm?*, p. 15).

20. B. Monteiro, *Direito Agrário e Processo Fundiário*, pp. 149-150; C. de A. Moreira Neto, *op. cit.*, p. 86; R. Santos, "Law and Social Change: The Problem of Land in the Brazilian Amazon".

21. R. Anderson, *op. cit.*, p. 79.

via regatão, o escoamento da borracha requeria pouco investimento de capital. Com efeito, o que o auge da borracha fez foi organizar e juntar os elementos já existentes, adicionando novas versões institucionais à forma como a extração de produtos florestais era financiada. O resultado tornou-se conhecido como *aviamento*, um sistema de fornecimento, crédito e controle de mão de obra.

A extração e a comercialização do látex natural tornaram-se tão elaboradas que mesmo a mais simples transação poderia alcançar seis níveis de intermediação, do produtor ao industrial²⁵. No nível mais baixo da hierarquia estava o seringueiro, que percorria as estradas de seringa, cortando cada uma das árvores ao início do dia e deixando um vasilhame para aparar a resina leitosa, retornando, mais tarde, a cada árvore para coletar o látex e finalmente defumá-lo, formando grandes bolas. Seringueiros trocavam a borracha defumada no *barracão* operado pelo próprio dono do seringal ou por alguém a quem o dono pagava comissão. Operadores do barracão pagavam os seringueiros com gêneros, provendo-os de itens de necessidade básica a preços inflacionados. Os termos de troca entre os seringueiros e o barracão eram tais que quase todos os seringueiros ficavam endividados com o barracão. Por sua vez, o dono do barracão ficava endividado com o fornecedor local, o *aviador* da cidade mais próxima. Este último recolhia a borracha e a remetia à casa do aviador em Belém, a figura central do sistema da borracha. As grandes casas de comércio que subiram em poder e proeminência durante o auge recebiam borracha de estradas remotas, financiando a vasta rede de fornecimento, recrutando mão de obra e expandindo as atividades de coleta de borracha em novas áreas para cobrir a demanda. As casas dos aviadores, então, vendiam a borracha para as casas de exportação em Belém, geralmente controladas por estrangeiros, que trabalhavam em nome dos compradores de borracha. Finalmente, casas compradoras no exterior vendiam a borracha aos industriais ao redor do mundo.

25. B. Weinstein, *The Amazon Rubber Boom 1850-1920*, pp. 16-21. Ver também a clássica descrição das relações sociais no extrativismo da borracha de C. Wagley, *Amazon Town: A Study of Man in the Tropics*.

Relações sociais sob o sistema de avião estavam fundamentadas na imobilização por débito e dependiam de formas personalistas de relações patrão-cliente e, em alguns casos, de coerção violenta²⁶. Salários eram completamente desconhecidos nessa economia dominada pela troca, na qual dinheiro em si tinha pouca importância. Até meados do século XVIII, não se usava moeda em metal no Pará²⁷. Mesmo depois da declaração da República em 1889, a sucessão de diversas moedas, algumas delas fraudadas, reforçou a tradicional falta de confiança em dinheiro na Amazônia. Sob o sistema de avião, a segurança não era dada pela quantidade de ganhos, mas pela continuidade no relacionamento, baseada em débito e obrigações, que asseguravam a sobrevivência e o contato indireto com a economia mundial monetarizada. Por um lado, os padrões do avião exerciam significativo controle sobre os distantes e dispersos seringueiros, mas, estes lançavam mão de numerosas formas de resistência a essa dominação, inclusive deserção²⁸.

Ao final do século XIX, várias centenas de milhares de migrantes do Nordeste brasileiro tinham se aventurado em remotas regiões da bacia amazônica, como resposta aos incentivos dos seringalistas. O recrutamento de migrantes do nordeste para a Amazônia foi facilitado pela coincidência de dois fatores econômicos. O primeiro foi o crescente preço da borracha; o segundo, a devastadora seca que se abateu sobre o Nordeste entre 1877 e 1900. A seca pôs fim ao auge do algodão que sustentara a colônia desde a década de 1820, deixando milhares de pessoas sem ter meio de vida. Com poucas opções e inspirados pelos rumores da fabulosa riqueza a se extrair da floresta, nordestinos foram facilmente convencidos a migrar rumo ao oeste.

26. Como os escravos de ascendência africana não participaram dessa atividade, a abolição da escravatura em 1888 não teve muito impacto na Amazônia, onde o comércio da borracha era sustentado pela mão de obra tupuia e ameríndia.

27. R. Santos, *História Econômica da Amazônia*, pp. 155-157.

28. J. P. de Oliveira Filho, "O Caboco e o Brabo: Notas sobre duas Modalidades de Força de Trabalho na Expansão da Fronteira Amazônica no Século XIX"; B. Weinstein, *The Amazon Rubber Boom 1850-1920* e "Persistence of Caboco Culture in the Amazon: The Impact of the Rubber Trade, 1850-1920".

Em 1910, a borracha amazônica atingiu seu ápice seguido de queda, da qual nunca mais se recuperou completamente. Por esse tempo, a crescente demanda internacional por borracha industrial já tinha ultrapassado em muito a capacidade de oferta do sistema de aviação²⁹. O déficit de borracha no mercado mundial provocou um aumento de preço, chegando a sete dólares por quilo no início de 1910, ano que marcou o início da colheita das primeiras plantações de seringa bem-sucedidas na Ásia. De um dia para o outro, o baixo preço do produto asiático roubou do Brasil o mercado mundial da borracha³⁰.

A moeda estrangeira trazida pelo comércio da borracha ajudou a subsidiar os custos da industrialização no sul do Brasil, mas o mesmo não aconteceu na Amazônia³¹. Os efeitos do auge da borracha nos remotos assentamentos da região eram poucos, devido às peculiares características da economia extrativista. A maioria dos bens acumulados consistiu em dívidas não retomadas ou bens imóveis cujo valor, rapidamente inflacionado, desapareceu com o declínio da economia³². Entre 1910 e 1920, migrantes do Nordeste retornaram a suas terras, fazendo diminuir a população do Pará³³. Estrangeiros que controlavam a exportação da borracha deixaram o país e os aviadores de Belém reduziram drasticamente a escala de suas operações comerciais. Além do mais, o poder econômico dos coronéis do barracão – que derivava do seu monopólio sobre o transporte, comunicação e comércio através do sistema

29. B. Weinstein, *The Amazon Rubber Boom 1850-1920*, pp. 165-167.

30. Sob condições de *plantation*, o custo por unidade de produção da borracha declinou com os crescentes investimentos na extração da borracha nativa, quando demandas crescentes impulsionaram a coleta de látex para áreas cada vez mais remotas, o que implicava maiores custos por unidade. Para uma discussão sobre as implicações dos sistemas extrativos de produção, ver S. G. Bunker, *Underdeveloping the Amazon*.

Na Amazônia, investimentos tinham sido aplicados em *marketing* e rede de fornecimento, em vez de na produção, e mesmo os comerciantes tinham apenas um controle indireto e deficiente sobre a extração de látex. Tentativas de plantação de seringueiras eram limitadas pela falta de capital e mão de obra e, ainda mais importante, por problemas biológicos que os produtores foram incapazes de superar. O maior deles era o mal das folhas da América do Sul, causado por um fungo que se espalhou rapidamente quando as árvores são plantadas em densidades altas. Para diferentes versões das razões do fracasso dos esquemas de *plantation* de seringa na Amazônia, ver S. G. Bunker, *Underdeveloping the Amazon*; W. Dean, *Brazil and the Struggle for Rubber*; e B. Weinstein, *The Amazon Rubber Boom, 1850-1920*.

31. Ver R. Santos, *História Econômica da Amazônia*, p. 260.

32. B. Weinstein, *The Amazon Rubber Boom 1850-1920*, pp. 232-238.

33. R. Santos, *História Econômica da Amazônia*, p. 261.

barracão³⁴ – havia revertido em pouco incentivo para investimentos em tecnologia na extração, e muito pouco dos lucros foi parar nas mãos dos produtores diretos. Quando o preço da borracha aumentava, os comerciantes cobravam mais pelas mercadorias vendidas a seus clientes e continuavam comprando o látex a taxas estabelecidas meses antes. O sistema de aviação, portanto, funcionou contra a acumulação de capital e contra a criação de um mercado interno que poderia ter estimulado na Amazônia o tipo de desenvolvimento que ocorreu no sul do Brasil.

As circunstâncias mudaram menos para os próprios seringueiros. Quando o comércio da borracha entrou em colapso, a vasta maioria dos seringueiros que havia sobrevivido à penúria estava pouco melhor do que quando tinha começado. Aqueles que permaneceram na Amazônia direcionaram seus esforços a atividades de subsistência, tais como caça, pesca, agricultura de várzea e a extração de outros produtos florestais. Os seringueiros deram um tempo nordestino à cultura amazônica e misturaram-se à população tapuia para produzir o camponês amazônico, o chamado “caboclo”³⁵.

DIVERSIFICAÇÃO ECONÔMICA E EXPANSÃO DO ESTADO, 1920-1964

Examinando os registros históricos de grande parte da Amazônia a partir da década de 20 até a de 60, pode-se ter a impressão de uma região em ina-

34. M. F. Emmi, *Estrutura Fundiária e Poder Local: O Caso de Marabá*, pp. 35-36; B. Weinstein, *The Amazon Rubber Boom 1850-1920*; e E. A. Whitesell, *Rubber Extraction on the Jurud in Amazon, Brazil: Obstacle to Progress or Development Paradigm?*, pp. 29 e 36.

35. O termo caboclo, amplamente utilizado no Brasil para se referir a pessoas da zona rural, tinha um significado especial na Amazônia. Segundo E. P. Parker (“The Amazon Caboclo: An Introduction and Overview”), inicialmente o termo se referia aos ameríndios. Ele foi posteriormente aplicado aos descendentes de uniões mistas entre europeus e ameríndios. Eventualmente, o termo veio a designar a população de origens raciais e culturais miscigenadas que compartilhavam as estratégias de sustentação peculiarmente amazônicas, baseadas na mistura da caça, pesca, extrativismo vegetal e agricultura de subsistência. Diferente dos tapuios (como utilizado por C. de A. Moreira Neto, *op. cit.*), a cultura cabocla é dominada pela língua e cultura portuguesa. Ver também E. F. Moran, “The Adaptive System of the Amazonian Caboclo” e *Developing the Amazon*, pp. 98-113; E. P. Parker, “The Amazon Caboclo: An Introduction and Overview”; e C. Wagley, *Amazon Town: A Study of Man in the Tropics*; e “The Amazon caboclo”.

